

Educação quilombola como enfrentamento ao racismo no Alto Sertão paraibano, Brasil¹

Educación quilombola como enfrentamiento al racismo en el Alto Sertón paraibano, Brasil

Quilombola Education as a Response to racism in the Alto Sertão Region of Paraíba, Brazil

Patrícia dos Santos Pinheiro²
Fernando Henrique Pires Mamédio³

Resumo

Este artigo aborda práticas da educação quilombola e da agroecologia no contexto brasileiro, com atenção especial para as atividades realizadas na Comunidade Quilombola de Cruz da Tereza, localizada em Coremas, região Nordeste do país. Em parceria da União dos Negros e Quilombolas de Coremas (Unequico) com o projeto de extensão "Histórias de Quilombo", apresentamos os processos e materiais didático-pedagógicos desenvolvidos desde 2020, incluindo aulas de reforço escolar e atividades temáticas que ressaltam a identidade quilombola e a cultura afro-brasileira com o engajamento de cerca de 60 crianças e suas famílias. A contribuição deste estudo consiste no debate sobre estratégias locais de combate ao racismo estrutural e à "Colonialidade do Saber" (Quijano 2000) através da educação

1 Data de conclusão: abril de 2025. O formato dos códigos de citação e referências bibliográficas está no padrão ALA 2023.

2 Professora do Bacharelado em Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar e do Programa de pós-graduação em Integração Contemporânea da América Latina (ICAL), da Universidade Federal da Integração Latino Americana (Unila). Fundadora do projeto de extensão "Histórias de Quilombo", iniciado em 2016 (Unila/UFPB). Brasil. Email: patricia.pinheiro@unila.edu.br; Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6769403803602637>.

3 Estudante do curso de Ciências Sociais na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), membro do projeto de extensão "Histórias de Quilombo" e membro da Gestão Pedagógica na União dos Negros Quilombolas de Coremas (Unequico). Brasil. Email: fernando.henrique@academico.ufpb.br; Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8618265771448881>.

quilombola promovida pela Unequico. A pesquisa busca compreender como essas iniciativas têm se materializado como uma forma de "Contra-Colonização" (Santos 2015). Portanto, esta etnografia, aliada à coleta e à sistematização de dados primários, busca captar as dinâmicas de resistência e ressignificação que moldam a educação quilombola. Destarte, este artigo debate as contribuições desses processos educativos promovidos em contextos biointerativos (Santos 2015), de "reterritorialização", de luta contra o racismo estrutural e contra o apagamento histórico das comunidades quilombolas. A educação quilombola têm influenciado a educação local a partir das próprias referências territoriais e seus modos de vida, colaborando para a valorização dos saberes tradicionais e para o fortalecimento das redes de solidariedade e de uma educação contextualizada e emancipatória para as crianças e jovens quilombolas (Mattos & Castro 2011).

Palavras-chaves: Quilombo; Educação das Relações Étnico-Raciais; Cartilha Didática.

Abstract

This article addresses practices of *quilombola* education and agroecology in the Brazilian context, with a focus on activities carried out in the Quilombola Community of Cruz da Tereza, located in Coremas, in the Northeast region of the country. In partnership with the Union of Black and Quilombola Communities of Coremas (Unequico) and the extension project "Histórias de Quilombo," we present the educational processes and materials developed since 2020, including tutoring classes and thematic activities emphasizing *quilombola* identity and Afro-Brazilian culture, engaging approximately 60 children and their families. The contribution of this study lies in the debate about local strategies to combat structural racism and the "Coloniality of Knowledge" (Quijano 2000) through *quilombola* education promoted by Unequico. The research seeks to understand how these initiatives have materialized as a form of "Counter-Colonization" (Santos 2015). Thus, this ethnography, combined with the collection and systematization of primary data, aims to capture the dynamics of resistance and reinterpretation shaping *quilombola* education. Therefore, this article discusses the contributions of these educational processes promoted in biointeractive contexts (Santos 2015), "reterritorialization," the fight against structural racism, and the historical erasure of *quilombola* communities. Quilombola education has influenced local education through territorial references and local ways of life, fostering the valorization of traditional knowledge and strengthening solidarity networks, as well as contextualized and emancipatory education for *quilombola* children and youth (Mattos & Castro 2011).

Keywords: Quilombo; Ethnic-Racial Relations Education; Didactic Handbook.

Resumen

Este artículo aborda las prácticas de la educación *quilombola* y la agroecología en el contexto brasileño, con especial atención a las actividades realizadas en la Comunidad Quilombola de Cruz da Tereza, ubicada en Coremas, en la región noreste del país. En asociación con la Unión de Negros y Quilombolas de Coremas (Unequico) y el proyecto de extensión "Historias de Quilombo", presentamos los procesos y materiales didáctico-pedagógicos desarrollados desde 2020, incluyendo clases de refuerzo escolar y actividades temáticas que destacan la identidad *quilombola* y la cultura afrobrasileña, con la participación de aproximadamente 60 niños y

sus familias. La contribución de este estudio radica en el debate sobre estrategias locales para combatir el racismo estructural y la "Colonialidad del Saber" (Quijano, 2000) a través de la educación *quilombola* promovida por Unequico. La investigación busca comprender cómo estas iniciativas se han materializado como una forma de "Contra-Colonización" (Santos, 2015). Por lo tanto, esta etnografía, combinada con la recopilación y sistematización de datos primarios, busca captar las dinámicas de resistencia y resignificación que dan forma a la educación *quilombola*. Así, este artículo debate las contribuciones de esos procesos educativos promovidos en contextos biointeractivos (Santos, 2015), de "reterritorialización", de lucha contra el racismo estructural y contra el borramiento histórico de las comunidades *quilombolas*. La educación *quilombola* ha influido en la educación local a partir de referencias territoriales y modos de vida propios, colaborando en la valorización de los saberes tradicionales y el fortalecimiento de redes de solidaridad, así como en una educación contextualizada y emancipadora para niños y jóvenes *quilombolas* (Mattos & Castro, 2011).

Palabras clave: Quilombo; Educación de las Relaciones Étnico-Raciales; Cartilla Didáctica.

Introdução

Dentre as heranças da colonização e do colonialismo, no Brasil, ainda é marcante a marginalização histórica das populações afrodescendentes, que enfrentam desafios significativos na luta por reconhecimento e direitos no país. O colonialismo não apenas se manifestou na exploração de recursos naturais, mas também na exploração da mão de obra escravizada e na imposição de uma "Colonialidade do Saber", que desvaloriza os modos de vida e os saberes locais dos povos não ocidentais em favor de uma visão eurocêntrica, e na imposição de uma hierarquia racial que persiste na contemporaneidade (Quijano 2000: 118-120).

Existem diversas formações sociais afrodescendentes relacionadas à diáspora africana devido à escravidão nas Américas, como palenques, cimarrones, marrons, cumbes e, no Brasil, os *quilombos*, cada uma com suas próprias características. A etimologia da palavra *kilombo* (em bantu) remete a uma associação transétnica de guerreiros, segundo Munanga (1995). Até a abolição da escravidão no Brasil, em 1888, o quilombo era ilegal e fortemente reprimido pelo Estado, por menor que fosse. Nos cem anos seguintes, desaparece da normatização legal, voltando apenas com a atual Constituição Brasileira, em 1988, passando da criminalização anterior a uma ideia de reconhecimento dos territórios negros.

Cabe destacar a diversidade de configurações dos 7.666 quilombos atualmente presentes no Brasil (IBGE, 2022), decorrente das inúmeras trajetórias e estratégias de existência que cada território vivenciou para se manter até os dias de hoje. Se durante o período em que foi instituída a escravidão no Brasil o quilombo teve várias formas, não apenas pela fuga de cativos nem somente em quilombos de grandes proporções, como no caso do Quilombo de Palmares⁴,

4 A pesquisa historiográfica cita, por exemplo, formações de quilombos em grupos itinerantes, em comunidades fixas com uma economia de subsistência, cita ainda espaços de solidariedade ou religiosidade ou mesmo grupos muito pequenos, inclusive em áreas urbanas, entre outras (Maestri 2002; Gomes 2004; Reis 1996).

após, tem sido muitos os enfrentamentos para sua manutenção. Ou seja, a luta pela liberdade foi vivenciada e negociada de diferentes maneiras ao longo do tempo.

Os quilombos eram locais de refúgio para pessoas negras⁵ fugidas das diversas formas de violência do sistema escravista, com formas de organização social muito variada em virtude das diferenças territoriais, espaços ocupados e das possibilidades de defesa contra as agressões externas – eram também a forma preferida de rebeldia, fazendo das matas e serras ambientes perigosos aos invasores (Moura, 2021: 28-33). Posteriormente à Abolição, muitos desses espaços foram transformados em favelas ou comunidades rurais negras, mantendo-se como territórios de resistência e continuidade da cultura afro-brasileira (Nascimento, 1989: 33-34).

A partir disso, neste artigo, descrevemos os caminhos e mecanismos delineados pela Comunidade Quilombola de Cruz da Tereza, situada na cidade de Coremas, nordeste brasileiro, e pela atuação da Unequico na educação quilombola a partir de ações de impacto e atividades pedagógicas, promovendo conteúdo contextualizado aos jovens e crianças atendidos pelo reforço escolar. A abordagem etnográfica⁶ oferecerá um arcabouço metodológico importante para compreender as nuances dessas práticas educativas através da imersão no contexto sociocultural da comunidade, sendo possível captar as dinâmicas de ressignificação do aprendizado que moldam a educação quilombola na Unequico (Mattos & Castro, 2011: 41).

Fundada em 2012, a Unequico tem buscado estimular o reconhecimento, a valorização cultural e a inclusão social dos *quilombolas* das três comunidades presentes em Coremas (Cruz da Tereza, Mãe D'água e Barreiras) na sociedade, por meio das redes de solidariedade formadas a partir da ancestralidade, com ações de fortalecimento comunitário, melhoria nas condições de saúde e educação da população. A equipe da organização é formada majoritariamente por quilombolas da Comunidade de Cruz da Tereza, local de funcionamento da sede. Desde 2020, a Unequico conta com a parceria pedagógica do projeto de extensão Histórias de Quilombo, com participação em reuniões, formações em gestão de projetos, oficinas, captação de recursos⁷ etc.

Diante desse contexto, iniciaremos apresentando algumas experiências de educação quilombola para compreender esse universo de contra-colonização contemporâneo, com especial destaque para a possibilidade de uma Pedagogia do Encantamento vinda dos quilombos brasileiros. Após, abordaremos processos, atividades práticas e materiais didático-pedagógicos colocados em prática na comunidade quilombola Cruz da Tereza pela Unequico. Serão apresentados na sequência dados sobre o processo de alfabetização a partir de fichas de acompanhamento pedagógico, implementadas em 2021, como ferramenta para avaliar e monitorar o desenvolvimento e aprendizagem das crianças, com base na ênfase e aprimoramento dos processos de formação e capacitação dos(as) educadores(as) locais, sublinhando a importância de profissionais engajados(as) na busca por valorizar as habilidades pedagógicas, baseadas em perspectivas quilombolas como cerne do processo educativo⁸.

5 Há relatos de alianças com indígenas ou pessoas brancas pobres em inúmeros locais. Na Paraíba, por exemplo, Aline Paixão (2014) menciona a comunidade quilombola de Mituaçu, litoral paraibano, onde houve aproximação junto aos indígenas da etnia Tabajara.

6 Adotamos uma abordagem etnográfica aliada à observação participante. As visitas à comunidade foram realizadas entre agosto de 2022 e dezembro de 2024, com imersões periódicas no Quilombo de Cruz Tereza.

7 Atualmente a ONG é apoiada pelo Instituto Solea.

8 A triangulação dos dados foi realizada a partir da comparação entre diálogos, observações de campo e análise

Cabe destacar que, embora as iniciativas aqui mencionadas, nas quais a Unequico se inclui, desempenhem um papel central na promoção da educação quilombola, sua atuação enfrenta desafios estruturais significativos, como a ausência de investimentos públicos que garantam a sustentabilidade de suas ações a longo prazo — um processo no qual as comunidades tradicionais resistem à colonialidade ao mesmo tempo em que precisam lidar com a escassez de recursos materiais e financeiros. Nesse ínterim, a incerteza quanto à continuidade das atividades frequentemente ressalta os limites das iniciativas comunitárias quando estas não são apoiadas por políticas públicas consistentes.

As contradições do espaço escolar e possíveis caminhos quilombolas para uma educação para as relações étnico raciais: por uma Pedagogia do Encantamento

No Brasil, a Lei 10.639, de 2003 (Brasil 2003) torna obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana no Currículo Escolar. Esse foi um marco legal importante contra o racismo estrutural e pela valorização da diversidade cultural no Brasil. Na educação formal, sua implementação tem requerido revisão dos currículos, formação de professores e adaptação das práticas pedagógicas para incluir de maneira adequada história e cultura afro-brasileira a partir de materiais didático-pedagógicos afro-referenciados, para promover um ambiente escolar mais inclusivo e equitativo (Brasil 2010).

No entanto, o espaço escolar reflete a sociedade e suas contradições, sendo palco de conflitos e desigualdades múltiplas e sobrepostas, que produz um ideal abstrato dos sujeitos, ao mesmo tempo que transmite uma suposta neutralidade em seus conteúdos curriculares, que pode ser analisada à luz das discussões etnográficas que revelam as micropáticas de poder e as formas sutis de discriminação que permeiam o cotidiano escolar (Mattos e Castro, 2011: 09). Essa abordagem permite analisar como a educação quilombola se torna um espaço de resistência cultural frente à colonialidade do saber, possibilitando novas “re-feituras” do mundo a partir das próprias referências culturais (Santos, 2015).

Contudo, a educação promovida em inúmeras comunidades quilombolas não se limita a cumprir as diretrizes da Lei 10.639/03, mas busca criar espaços de “biointeratividade”, nos quais os saberes ancestrais e as práticas cotidianas das comunidades quilombolas são valorizados e integrados ao processo de ensino-aprendizagem de forma transversalizada, estabelecendo novas tessituras do saber (Santos, 2015). Uma abordagem que pode estar ou não inserida na educação formal e desafia a “colonialidade do saber” ao afirmar a legitimidade e a importância dos conhecimentos produzidos pelas próprias comunidades quilombolas e a sua capacidade de construir sujeitos autônomos e críticos na luta por seus direitos (Quijano, 2000).

Durante o trabalho de campo, foram observadas situações em que as diretrizes nacionais DCNEEQ⁹ e a Lei 10.639/03 se chocavam com práticas e resistências cotidianas na escola local, quando emergiram relatos sobre a dificuldade de acesso a materiais didáticos afro-referenciados, resistência de parte do corpo docente à inclusão de conteúdos quilombolas e

documental (fichas de acompanhamento pedagógico e registros institucionais da Unequico).

9 A Resolução CNE/CEB nº 8, de 20 de novembro de 2012, define essas diretrizes, que são fundamentais para a construção do projeto político pedagógico (PPP) das escolas e a formação de professores.

ausência de formação continuada específica para o tema. Desse modo, apreendemos que a escola ou as organizações educacionais inviabilizam as especificidades históricas, culturais, sociais, políticas, econômicas e identitárias das comunidades quilombolas (Brasil, 2012), sendo tratadas de forma homogeneizante ou folclórica. Essa invisibilização se manifesta de diversas formas, uma delas é a falta de diretrizes norteadoras que contemplem a educação para as relações étnico-raciais em cada instituição, que no caso brasileiro se localizam no Projeto Político Pedagógico (PPP).

Nesse sentido, expressões não formais de aprendizado quilombola, que se manifestam em diferentes locais, cumprem um importante papel ao fortalecer os conteúdos ensinados, especialmente os relacionados à cultura afro-brasileira e às relações étnico-raciais, proporcionando oportunidades para preencher lacunas de aprendizado e explorar temas mais aprofundadamente a partir da sua própria história enquanto quilombolas.

Uma dessas expressões ocorre na Comunidade Kilombola Morada da Paz, também conhecida como Território de Mãe Preta, localizada no município de Triunfo, Rio Grande do Sul. Neste território, que é autoidentificado como um *kilombo* (retomando o sentido bantu, de unidade e luta) e também um terreiro, se localiza a Escola comunitária ComKola Kilombola Epê L'ayiê, que tem como significado Terra Viva, em yorubá. A pedagogia desenvolvida pela comunidade é denominada Pedagogia do Encantamento, que como ensina Iyakekere Omo Ayo Otunjá (2021), que é uma das lideranças da comunidade¹⁰, tem como cerne “o fortalecimento dos valores civilizatórios afro-brasileiros e os saberes, fazeres e conhecimentos do pensamento diaspórico africano”.

Esta forma de pedagogia considera a sacralidade e a vida de tudo que habita o mundo, como relata Flores (2019), que lembra que “é fundamental para todo processo educativo manter a cola das relações, por isso Mãe Preta trouxe à comunidade o termo ComKola, e a percepção encantada do mundo”¹¹ (Flores 2019: 677). Isso significa que há um encantar no ensinar e aprender:

O ato de cuidar, educar e amar passa pelo processo de encantar-se e manter-se vivo em ações, pensamentos, atitudes e sonhos. É uma educação baseada na ancestralidade e na unidade tendo como base a circularidade com valores matriciais e quilombolas, mantendo esse sonho vivo no dia a dia, ressaltando o zelo pela memória dos povos. Essa pedagogia é livre de fórmulas, possibilita a troca de saberes através de exemplos mais do que de palavras e propõe a manutenção da esperança, do sonho e da fé (Omo Ayo Otunjá 2021: 22).

Como relata Baogan (Teixeira 2014: s/n), Baba da comunidade, “Na cosmovisão matricial africana, a qual estamos conectados, a criança é a dona do mundo, o homem é o zelador da comunidade, a mulher a guardiã da continuidade da vida e os anciãos os guardiões da memória ancestral.” Neste processo, nos constantes *ipadês* (rodas de diálogo) são realizadas troca de saberes e fazeres e a partilha de vivências entre os mais novos e os mais velhos, dando ênfase às trocas intergeracionais e à escuta contínua.

10 A comunidade possui quatro Iyas e dois Babas.

11 Mãe Preta é uma preta-velha que guia e protege o território, o qual é guardado também por Seu Sete, um exu.

As crianças do território (*o-madês*) possuem suas preces práticas e ritos ou seja, vivências que realizam acompanhados por um *gba oya nkan* (responsável, em yorubá), que remetem ao cuidado com o território, os animais, a horta, as plantas medicinais ou as comidas, em um processo de aprendizados diários. O ensinar-aprender é feito no território, é o que dá sentido ao processo, pois é:

um espaço de resistência que permite a interação do ser com o espaço e com o outro, possibilita o jeito de ser e viver quilombola. Por isso, o lúdico, o dialógico (Freire, Pedagogia do Oprimido), o interativo, o perceptivo, o sensorial, o crítico, o propositivo e o construtivo são processos que estão presentes desde o planejamento das ações (Omo Ayo Otunjá, 2021: 21).

Como fica evidente, a relação entre educação e território é central na abordagem das experiências quilombolas. Nesse sentido, Mattos e Castro (2011) destacam a importância de compreender o contexto sociocultural como parte fundamental do processo educativo, argumentando que “o território é um espaço de produção de conhecimento e identidade” (Mattos e Castro 2011: 25).

Além disso, essas experiências ocorrem em um contexto complexo, marcado pela luta por direitos e pelo reconhecimento da identidade quilombola, portanto, a idealização dessas comunidades como territórios homogêneos e isolados reforça uma visão essencialista que remete a uma África fixada no passado, desconsiderando os processos históricos e sociais que as constituem (Mattos e Castro 2011: 30). Na realidade, os quilombos são espaços de constante (re)construção identitária, atravessados por múltiplas experiências, relações de poder e disputas por reconhecimento, e compreender essa complexidade é indispensável para analisar os desafios sociopolíticos que permeiam sua existência (Gomes, 2015).

Os desafios da alfabetização aliada à educação para as relações etnicorraciais: o cotidiano da Unequico

Em um prédio alugado, com um andar térreo e outro superior, está localizada a Unequico. Quando se chega à sala de aula da Unequico, no térreo, encontramos um local com uma pequena biblioteca de livros infantis, como "O cabelo de Lelê" e "O pequeno príncipe preto", além da cartilha "Aprendendo com os quilombos de Coremas", que será abordada adiante. As paredes - desgastadas pela umidade dos períodos chuvosos que ocasionaram até alagamentos - estão repletas de desenhos produzidos pelas crianças, que vão desde imagens de uma menina com cabelo black power com aplicação de feijões até pinturas de dona Salete e de Seu Tomás do Doce, duas grandes referências da comunidade quilombola de Cruz da Tereza que têm sua história contada na cartilha. Há ainda dois quadros brancos bem desgastados pelo uso, outros cartazes e algumas mesas e cadeiras de plástico. Ao lado de uma divisória simples, as cadeiras e mesas de madeira para as crianças estão espalhadas pela área central da sala. Mais ao fundo, os frutos das oficinas decoram uma estante e mesas, como as peças de barro e telhas pintadas.

Esse local é frequentado regularmente por cerca de 60 crianças e jovens, quilombolas e moradores não quilombolas, entre 6 e 17 anos, que realizam atividades de reforço escolar do 1º ao 7º ano, além de receberem atendimento psicossocial, alimentação saudável, oficinas, atividades temáticas, além de eventos festivos, como o Dia do Estudante, Dia das Crianças,

Dia da Consciência Negra, o cine quilombola quando o público se expande para as famílias e para a comunidade como um todo. Para além do pequeno prédio sem pátio, um espaço cedido a duas quadras da sede abriga uma horta escolar que é visitada e manejada semanalmente pelos estudantes. Por fim, a grande festa tradicional de São João de Cruz da Tereza, realizada há décadas, é feita na travessa Fabiano Tomaz (pai tanto da presidente da ONG quanto de uma das educadoras e da presidente da associação quilombola de Santa Tereza/Cruz da Tereza), a poucos metros da sede.

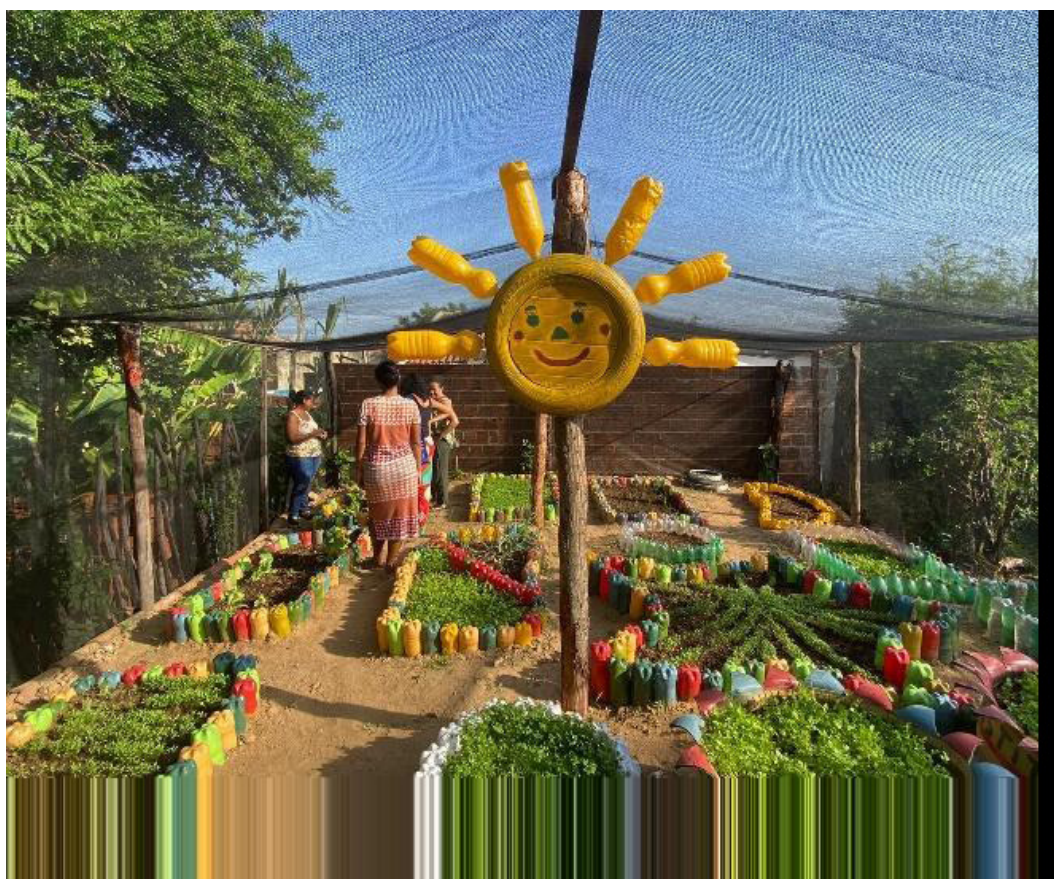
A comunidade está localizada no município de Coremas, no Alto Sertão paraibano, em área de expansão urbana do município, com recorrentes denúncias de invasões e expropriações do território. Ou seja, este local não está isento de situações de racismo e discriminação tão recorrentes em todo país, apesar da presença de três comunidades quilombolas e de ser composto por significativa parcela, sendo 6583 pessoas autodeclaradas parda, 1607 pretas e 437 quilombolas, ou seja, 55% da população total de 14.683 habitantes (IBGE 2022).

Ao longo dos quase quatro anos em que ocorre a parceria entre o projeto Histórias de Quilombo e a Unequico, muitas foram as experiências relatadas pela comunidade de dificuldade de acesso a direitos básicos, como saúde e educação, e de racismo, inclusive em espaços educativos, vivenciadas por educadores(as) quilombolas do município. Um dos muitos relatos daquilo que os(as) educadores(as) enfrentam foi que livros paradidáticos sobre a cultura afro-brasileira e relações étnico-raciais destinados às escolas municipais foram encontrados no lixo. Os livros foram recolhidos e reaproveitados na ONG.

A atitude de descartar livros sobre a cultura afro-brasileira reflete, segundo Antonio Bispo dos Santos (2015), uma tentativa de "desterritorialização" simbólica das comunidades negras, ou seja, de apagamento de suas referências culturais e históricas. Para o autor, "a colonização se manifesta através da desterritorialização, da expropriação dos saberes e da imposição de uma visão de mundo eurocêntrica" (Santos, 2015: 45). Nesse contexto, a Unequico atua como um espaço de "reterritorialização", onde as crianças e jovens quilombolas têm a oportunidade de se reconectar com suas raízes, fortalecer sua identidade cultural e desenvolver um senso de pertencimento à comunidade ao promover atividades como as oficinas artesanais e o manejo da horta, que estimulam a "biointeratividade" entre os participantes e expressam uma Pedagogia do Encantamento, ou seja, a troca de saberes e experiências que fortalecem os laços comunitários e a autonomia dos indivíduos.

A iniciativa da Unequico de promover o reforço escolar gratuito para crianças e adolescentes quilombolas da rede pública de ensino é singular na região do Alto Sertão, considerando o alto índice de defasagem no ensino e baixo letramento dessas crianças e adolescentes. É nesse ambiente que as crianças e adolescentes quilombolas têm a oportunidade de reconhecer, fortalecer e celebrar sua identidade e construir uma autoestima mais robusta, prospectando um futuro com mais oportunidades. É o momento de superar estereótipos raciais internalizados que frequentemente afetam a autoestima dessas crianças e de desafiar as narrativas discriminatórias, contribuindo para a construção de uma autoimagem mais confiante. A aprendizagem das práticas e dos saberes ancestrais são pilares fundamentais para a educação quilombola, pois estabelece-se uma relação entre a criança e suas expressões culturais, uma vez que especialmente nos anos iniciais a criança depende daqueles que estão ao seu redor, quando há importantes processos de socialização e de construção de compreensões sobre o mundo.

Figura 1: Aula de Artes e História Afrobrasileira com a prof.a. Ely Elany.



Fonte: Acervo da Unequico, Coremas, 2024.

Assim, esse processo assume um caráter ainda mais relevante, pois visa a continuidade (e renovação) da identidade, dos valores e das práticas tradicionais da comunidade nos processos educativos dinâmicos, através da oralidade, da música, da dança, da culinária e de outras manifestações culturais, onde os mais velhos compartilham seus conhecimentos e experiências com os mais jovens, fortalecendo os laços de pertencimento e a consciência da história quilombola.

Para o funcionamento da Unequico, há uma equipe extensa. Os(as) educadores(as) que estão ou já passaram pela Unequico, Ana Cristina, Ely Elany, Rita de Cássia e João Palitot, ministram aulas das disciplinas de Português, Matemática, Educação Física, Artes e História Afro. Com o propósito de fortalecer o processo de aprendizagem desses estudantes, estes(as) educadores(as) usam como base as habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), sobretudo, nas disciplinas de Português, Matemática e Educação Física.

Entre o conteúdo, na disciplina de português são fornecidas aulas de produção e interpretação

de textos, leitura coletiva e individual, formação de palavras e pequenas frases, ditados e rodas de conversas. Na disciplina de matemática são abordados assuntos como contagem e reconhecimento dos números, operações matemáticas, figuras geométricas, contagem de cédulas e moedas, leitura de relógios etc. No que diz respeito às aulas de educação física, estão sendo ofertadas tanto aulas teóricas, que abordam contação de histórias e possibilidades expressivas dos sujeitos, quanto práticas, com atividades de baixa intensidade, propondo aos estudantes a ampliação da sua consciência corporal, autonomia e respeito nos âmbitos cultural e escolar.

Nas disciplinas de Artes e História Afrobrasileira, são desenvolvidas as habilidades socioemocionais das crianças, com atenção para a memória e o fortalecimento dos vínculos com a sua historicidade e ancestralidade. Assim, são realizadas aulas de leituras lúdicas que reforçam o imaginário coletivo e que valorizam a cultura quilombola e a identidade afrobrasileira, seguidas de atividades de desenho, pintura e colagem.

Ao analisarmos as diferentes formas de aprendizado e ensino, concebe-se um interessante paralelo entre a aprendizagem da escrita e do desenho, argumentando que a escrita foi, historicamente, transmitida de forma impositiva, enquanto o desenho, por sua natureza autônoma e expressiva, resiste a essa forma de domesticação (Pierrot, 2015: 52). Ao valorizar a oralidade, a música, a dança e outras formas de expressão cultural, a educação quilombola se aproxima da lógica do desenho, promovendo a autonomia e a criatividade dos estudantes.

Essa distinção nos permite refletir sobre as metodologias utilizadas na educação quilombola, pois, em vez de impor um conjunto de conhecimentos predefinidos, os educadores buscam estimular a participação ativa dos estudantes no processo de aprendizagem, incentivando a pesquisa, a experimentação e a troca de saberes a partir de materiais didático-pedagógicos afro-referenciados. Um desses materiais é a cartilha “Aprendendo com os quilombos de Coremas”, lançada em 2021, uma importante ferramenta para potencializar essas ações e que se soma aos livros didáticos na valorização da identidade quilombola, fruto da parceria entre a ONG e o projeto Histórias de Quilombo.

A cartilha foi construída movida por questões como: quais histórias lemos nos livros? E quais não lemos? Por quê? Do ato de escutar e contar histórias dos ancestrais, o grupo se empenhou não somente no registro escrito e visual de memórias, mas sim em uma forma de multiplicar e tornar acessíveis essas histórias¹². Essa abordagem, enraizada na experiência e no contexto sociocultural da comunidade, contribui para um aprendizado transformador.

Com a proposta de criar um material didático contextualizado e acessível, a cartilha conta a história das três comunidades localizadas no município - Barreiras, Mãe d'Água e Cruz da Tereza. Essa trajetória implica em falar, por exemplo, sobre a comunidade do Navio, quilombo secular que foi inundado durante a construção de obras de combate à seca na região no início do século XX e de onde muitas famílias quilombolas se originaram. Implica em falar em condições de trabalho precarizadas no cultivo do algodão ou na pecuária realizada em fazendas do município. Conta

12 Cartilhas têm sido uma ferramenta interessante para a quebra de fronteiras entre ensino/pesquisa/extensão, potencializando diálogos, interesses e desejos mútuos entre conhecimentos acadêmicos formais e conhecimentos populares. Até o momento, foram feitas duas cartilhas no projeto Histórias de Quilombo, a outra foi Plantas que têm história: Mituaçu, publicada em 2021, fruto de quatro anos de atividades no quilombo de Mituaçu, PB e foi realizada com o apoio do CNPq (Edital Universal 2018) e com recursos próprios. Ambas estão disponíveis em <https://www.antropoeticas.com/hist%C3%B3rias-de-quilombo>.

também sobre dona Francisca, dona Salete, seu Tomaz do Doce e seu Zé Pequeno, todos anciãos das comunidades quilombolas do município¹³. Ou ainda, na necessidade de reforçar a alfabetização das crianças e de incluir conteúdos que deveriam fazer parte do cotidiano das escolas, como aqueles das leis nº 10.639/2003, porém ainda não ocorrem de modo satisfatório.

É um conteúdo que diz respeito às memórias quilombolas de Coremas, que mostra durezas, mas também festividades, como a Quadrilha Junina, e a prática da capoeira. Esses conteúdos deram corpo a atividades didáticas como caça palavras, jogo dos 7 erros, exercícios matemáticos e atividades de redação livre. Para a sua elaboração, os educadores fizeram entrevistas com os anciãos; os estudantes, pesquisadoras e professoras dos cursos de Desenvolvimento Rural (Unila), Ciências Sociais e Antropologia (UFPB) elaboraram os textos e jogos. Os desenhos foram feitos em oficinas com as crianças da Unequico e por um estudante de Ciências Sociais. Assim, coube a esse conjunto de pessoas realizar, de modo alternado, uma série de atividades que englobam desde a concepção do conteúdo até a distribuição do material.

Atualmente com tiragem de 1550 exemplares, o material foi distribuído em 18 quilombos e inúmeras escolas do Alto Sertão da Paraíba, com objetivo de estimular que contassem suas próprias histórias, gerando uma recepção que mostrava que o ler faz mais sentido quando há uma identificação com o conteúdo apresentado, reforçando a importância da valorização da identidade quilombola. No entanto, é preciso reconhecer que essa ação pontual, embora de impacto, enfrenta desafios de sustentabilidade a longo prazo, dada a ausência de investimentos públicos e a incerteza quanto à continuidade do projeto, como a falta de recurso financeiro para elaboração ou reedição desse material em formatos de acessibilidade, que incluísse audiodescrição e materiais táteis, proporcionando diferentes experiências sensoriais para todas as pessoas.

A elaboração da cartilha, instigada pela problematização da invisibilidade das memórias afrodescendentes, trouxe reflexões sobre o processo de construção do conhecimento em si, que envolvem diferentes perspectivas, escolhas sobre conteúdos a serem publicizados e uma posição de autoria compartilhada. Potencializou, desse modo, os diálogos entre conhecimentos acadêmicos e populares e suas ressonâncias, uma vez que parte da luta do povo quilombola reside na relação constante entre o saber sintético (colonialista, como o Estado e a Universidade, que intervêm para compor o mundo do ter) e o saber orgânico (que se desenvolvem para compor o mundo do Ter), o qual pelas fronteiras opera na possibilidade de um diálogo sem se deixar capturar e aprisionar pelos conhecimentos sintéticos (Santos, 2015: 31-32).

“Adubando, irrigando, plantando, colhendo e comendo”: práticas educativas em territórios tradicionais¹⁴

Partindo de uma perspectiva de ensino pedagógica e multidisciplinar, as atividades de reforço escolar, temáticas e artísticas aqui listadas têm possibilitado alcançar resultados significativos no processo de alfabetização e aprendizagem das crianças e jovens. Assim, no Quilombo de Cruz da Tereza acontece um processo educativo que procura despertar a

13 Após o lançamento da cartilha, infelizmente Seu Tomaz e Dona Salete faleceram.

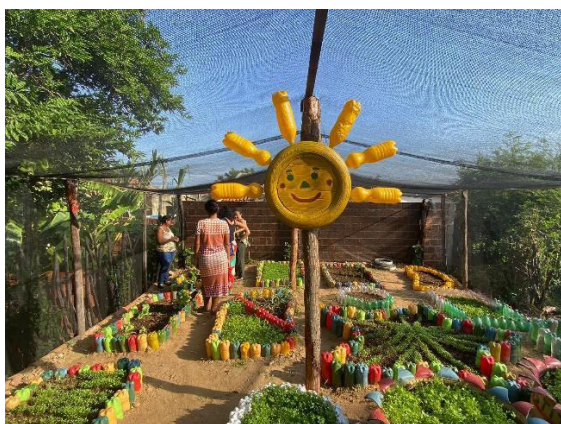
14 Descrição direta de como está sendo feito o manejo da horta educativa pela tutora Ana Lucia Tomaz, durante as reuniões de acompanhamento entre educadores e equipe do projeto, em outubro de 2024.

curiosidade e abrir novas portas, ao mesmo tempo que é contextualizado à vida cotidiana e às memórias dos mais velhos, biointerativo e de uma educação baseada nas situações sociais de “aprender-ensinar-aprender” (Gusmão, 2020) ou ainda na Pedagogia do Encantamento (Omo Ayo Otunjá, 2021). Nelas, o saber é apreendido sem intencionalidade explícita, mas durante o próprio fazer e viver; uma educação que transcende o espaço da educação escolar.

Para além da sala de aula da Unequico, duas atividades práticas importantes estão sendo realizadas pela organização. Uma delas se trata da horta educativa da Unequico. Fica nos fundos de um terreno de uma igreja, em um pequeno espaço cedido temporariamente de 11m de comprimento e 4m de frente, que abriga uma série de canteiros coloridos onde crescem viçosos coentros, alfaces, cebolinhas e tomates. Para que as lagartas e outros insetos não entrem, está toda resguardada com tela.

A horta começou a ser preparada em agosto de 2023, ação coordenada pela tutora Ana Lucia Tomaz, junto com voluntários da comunidade e da Unequico e durou cerca de três meses, com a limpeza, metragem e nivelamento do terreno. Ana Lúcia é formada em Agropecuária pelo Instituto Federal da Paraíba (IFPB) e também compartilha laços de parentesco com diversos membros da Unequico. Os canteiros foram feitos de garrafas pet e de pneus usados pintados de diversas cores, em formas de desenhos, como estrelas, sol, meia-lua, quadrados etc., deixando o espaço convidativo para as crianças.

Figuras 2 e 3: Práticas educativas e agroecológicas na horta com tutora e auxiliar, Ana Tomaz e Ellen Tomaz, com participação da professora Ely Elany.



Fonte: Acervo da Unequico, 2024.

Com os canteiros prontos, a horta passou a ser manejada por Ana Lúcia, Ellen, Ely Elane e as crianças, que fazem todo o processo de plantio, manejo e colheita, guiadas pelas educadoras, dando início às atividades pedagógicas ainda em curso. Sem fazer uso de agrotóxicos, Ana Lúcia alia conhecimentos aprendidos no curso técnico com o que traz de sua trajetória no roçado. Ela faz questão de lembrar que a base de seu conhecimento vem daquilo que aprendeu com sua família no sítio na localidade de Pedras Pretas, plantando o milho, o feijão e outras culturas.

Reestabelece-se uma ponte com o que é tradicionalmente feito na comunidade e mostram-se

novos horizontes. Não mais relacionada a uma infância de privações extremas e de trabalho árduo para sobrevivência, presentes na memória de infância de Ana Lúcia e seus irmãos, mas sim tendo contato com o plantio – de hortaliças, nesse caso – com a condução e tutoria das professoras. Esse ambiente permite que esse seja um momento lúdico para as crianças e de abertura de um outro olhar, positivo, sobre aquilo que seus avós e pais faziam ou ainda fazem.

Já a segunda atividade prática diz respeito à louça de barro, que tem sido ensinada desde 2023 para as mães da comunidade em oficinas ministradas por uma mestra louceira da comunidade quilombola de Mãe D'Água, Francineide. Francineide é filha de dona Francisca, 79 anos, e sobrinha de dona Tereza, 83 anos, ambas ainda produzem louças na comunidade de Mãe D'Água.

Essa atividade foi promovida considerando a possibilidade de aliar conhecimentos tradicionais sobre a técnica de cerâmica com a geração de renda. O quadro socioeconômico nos quilombos de Coremas não é alentador. As mulheres da comunidade de Cruz da Tereza possuem uma baixa empregabilidade de carteira assinada, sendo submetidas muitas vezes a trabalhos informais e mal remunerados, sendo um dos mais comuns a manufatura de redes de pesca que são vendidas por preços irrisórios. Ainda há também forte migração para outras regiões do país, como São Paulo, em busca de trabalho, pela falta de opções locais.

Por outro lado, é bastante comum vermos nas casas de toda a cidade peças de barro como panelas, filtros de água, gamelas, cuscuzadeiras, copos e jarras. Quem faz essa louça são tradicionalmente quilombolas, especialmente de Mãe D'água, que produzem em suas casas, com fornos nos quintais. É um conhecimento muito antigo, passado de geração para geração, que é importante não somente para o uso próprio quanto para a venda, que era feita em feiras da região. Já houve, no passado, projetos de apoio às louceiras, porém não tiveram continuidade.

As mulheres de Mãe D'água seguiram fazendo, mas não contam com local de trabalho adequado, nem equipamentos e mesmo certos tipos de barros que são específicos para fazer algumas peças. Assim, a produção fica limitada e não conseguem acessar outros mercados que não o local.

Pensando nesse conjunto de fatores, a oficina de louça na Unequico teve um primeiro encontro, de dois dias, e contou com a participação de cerca de 15 quilombolas da comunidade de Cruz da Tereza, majoritariamente mulheres, mas também crianças, que puderam manusear e brincar com o barro, fazendo suas próprias peças que posteriormente foram queimadas em forno de barro pela louceira e distribuídas entre as participantes. Em acréscimo à geração de renda, a atividade tem fortalecido laços entre duas das comunidades quilombolas do município, Cruz da Tereza e Mãe D'Água.

Para a oficina, o barro foi coletado e amassado com um pedaço redondo de madeira, depois com a peneiração do barro batido; após passar pela peneira, faz-se a mistura com água para iniciar a modelagem. Em seguida, o barro molhado é colocado dentro de uma sacola plástica para conservar e manter a umidade, podendo ser usado com prazo de até um mês. O passo seguinte foi a prática de modelagem, realizada na sede da Unequico. Com o barro devidamente conservado e preparado para o molde, a louceira Francineide orientou os participantes a moldarem com as mãos o barro de acordo com o utensílio ou objeto que quisessem criar, molhando paulatinamente em pouca quantidade até tomar formas.

Os participantes criaram diferentes objetos, como cuscuzeira, tigelas de barro, xícaras, cestas, panelas, pilão, pequenos copos e um barco. Depois da oficina de modelagem e criação dos objetos, o restante do barro úmido foi colocado novamente em uma sacola plástica para sua conservação e

reutilização. Ao ensinar técnicas artesanais e agrícolas tradicionais, com o uso de plantas medicinais e insumos encontrados no próprio território, a horta educativa e as oficinas de louça não apenas promovem aprendizado prático, mas também reforçam as matrizes culturais que estruturam as percepções e ações das crianças, jovens e adultos quilombolas.

Como aliar conteúdos e práticas? Metodologia de acompanhamento da alfabetização quilombola

No trabalho desenvolvido na Unequico há a compreensão de que não deve ser um conteúdo pré-determinado e externo aquele a guiar o saber que é ensinado na comunidade quilombola, ainda mais tendo em vista o rico conhecimento local sobre a ecologia, a história, o patrimônio, entre outros. Por ter essa compreensão, a decisão sobre as atividades que a Unequico desenvolve é realizada com base nos saberes ancestrais e servem como forma de aprendizado de ofícios anteriormente presentes nos quilombos. É uma virada de chave que permite valorizar e renovar determinados saberes que foram marginalizados, mantendo-os desse modo vivos.

Um segundo entendimento é relevante também para compor as atividades da Unequico. Apesar de não ser um espaço de educação formal, considera-se necessário fortalecer o aprendizado dos conteúdos ensinados na escola, pela identificação de que os estudantes quilombolas não estavam conseguindo completar a alfabetização na escola e isso desestimulava a continuidade dos estudos. Em relação a esta questão, chamou a atenção da equipe os indicadores socioeducativos mais gerais, que demonstram um baixo nível de letramento na escrita e leitura de grande parte das crianças e jovens assistidas pela Unequico.

Para uma maior acurácia no planejamento das ações educativas, no âmbito da parceria entre universidade e comunidade, em 2021 passamos a desenvolver e implementar fichas de acompanhamento pedagógico. Com a análise e avaliação regular das fichas de cada estudante (no início e final do ano), concebemos índices alarmantes na defasagem do ensino e no processo de alfabetização das crianças do ensino fundamental I e II, a exemplo de alguns estudantes do 4º e 5º ano que ainda não conseguem ler ou escrever devidamente o próprio nome, além de não conseguirem efetuar simples operações matemáticas de soma ou subtração.

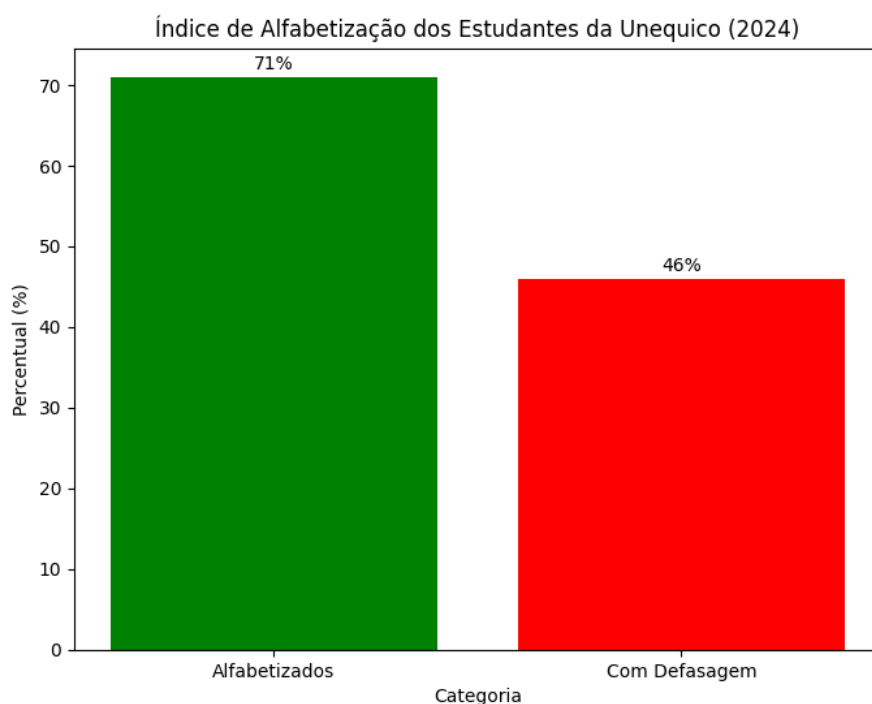
A ficha é individual para cada estudante e contém informações como nome, idade, se a criança possui laudo médico, se está ou não matriculada na rede pública de ensino, nível de escrita e aprendizagem, participação e comportamento. Sobre o rendimento, a ficha propõe uma investigação de acordo com o ano em que o aluno está matriculado, examinando questões como reconhecer e escrever o próprio nome, escrever de forma legível, ler sozinho, compreender textos lidos em voz alta; escrever os números por ordem crescente e decrescente, calcular somas e/ou diferenças, identificar cédulas e moedas, realizar leitura e passagem do tempo em calendários etc. Por último, há um quadro no qual os(as) educadores(as) descrevem o desempenho, habilidades e as maiores dificuldades apresentadas por cada um.

Em levantamento geral dos dados referentes às atividades promovidas pela Unequico, a ficha foi o principal documento dessa pesquisa. Inicialmente, as fichas foram separadas de acordo com a série e nível de ensino. Em seguida, digitalizamos e transformamos os dados qualitativos em código binário (0 ou 1) para obtermos somas, médias, desvios e os principais eventos concebidos diante da

análise dos dados¹⁵.

A partir disso, pudemos organizar, mensurar e avaliar os estudantes por idade, sexo, série, alfabetizado ou não, dentre outros eventos que serão demonstrados nos Gráficos 1 e 2, em seguida.

Gráficos 1 e 2: Índices de alfabetização e defasagem dos estudantes da Unequico entre 2023/2024.



Fonte: Autoral, 2025.

Após o levantamento de dados da Unequico, realizamos uma análise comparativa entre os dados da Escola Logradouro, localizada na comunidade de Cruz da Tereza, e os da Unequico – resultado nos revela informações importantes sobre o desempenho educacional das crianças e adolescentes atendidos por ambas as instituições. Inicialmente, ao considerar o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), um indicador composto¹⁶, observamos que a média nacional está em 5.8, enquanto a média estadual da Paraíba é de 5.3, a municipal de Coremas é de 4.7 e a da Escola Logradouro 5.3, que se equipara à média estadual em sobreposição à municipal (Brasil, 2021). Isso indica que a escola acompanha a média do estado

15 Com o Excel, foi criada uma planilha interativa que nos mostra resultados calculados automaticamente na medida em que os dados são alterados. Além disso, foi útil o uso de softwares de Estatística Descritiva, Programação e ferramentas de Business Intelligence, como Jamovi, Python Matplotlib e Power BI, que transformam dados em relatórios e dashboards visuais e interativos.

16 Criado em 2007 pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), o Ideb busca medir a qualidade da educação básica no Brasil a partir do Censo Escolar e do Saeb (Sistema de Avaliação da Educação Básica).

e supera a média municipal, demonstrando um desempenho relativamente satisfatório dentro de sua localidade.

Os dados fornecem um indicativo de eficiência e eficácia das ações que fortalecem a qualidade do ensino básico disponível para as crianças da comunidade. No que se refere ao Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) de 2023, os resultados mostram que a média de proficiência em Língua Portuguesa na Escola Logradouro foi de 180,23 pontos, enquanto em Matemática foi de 213,2 pontos. Esses números sugerem que os estudantes possuem maior desempenho relativo na disciplina de Matemática, sendo útil para o planejamento de ações estratégicas voltadas para o aprimoramento da leitura, interpretação textual e produção escrita, que são fundamentais para o desenvolvimento integral dos alunos, como nos mostra as Tabelas 1 e 2, a seguir

Tabela 1 – Percentual de alfabetização e defasagem dos alunos atendidos pela Unequico, por disciplina

Indicador	Língua Portuguesa (%)	Matemática (%)
Alunos alfabetizados	72	69
Alunos com dificuldades	45	46

Fonte: Autoral, 2024.

Para ilustrar o panorama da alfabetização e defasagem dos alunos atendidos pela Unequico, os dados coletados foram organizados e apresentados de forma sistemática. A Tabela 1 discrimina os percentuais de alfabetização e dificuldades em Língua Portuguesa e Matemática, oferecendo um comparativo direto entre o desempenho dos alunos nessas disciplinas. Em seguida, a Tabela 2, apresenta a evolução da alfabetização e a redução da defasagem entre o Ensino Fundamental I e o Ensino Fundamental II, permitindo visualizar o impacto das ações da Unequico ao longo da trajetória escolar dos alunos.

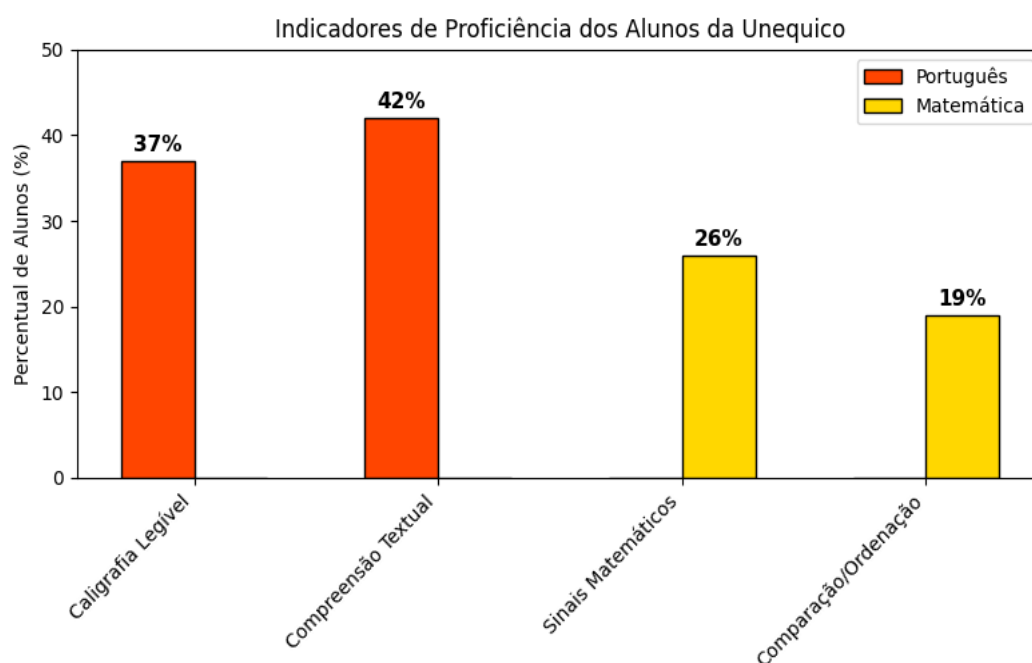
Tabela 2 – Percentual de alfabetização e defasagem dos alunos por nível de ensino.

Etapas do Ensino Fundamental	Alfabetizados (%)	Defasagem (%)
Fundamental I	74	44
Fundamental II	95	22

Fonte: Autoral, 2024.

A análise conjunta desses dados, apresentados de forma clara e concisa, permite dimensionar os desafios enfrentados e os avanços alcançados na promoção da educação quilombola, reforçando a importância das iniciativas da Unequico para garantir o acesso a uma educação de qualidade e o enfrentamento do racismo estrutural. Os indicadores mais baixos de proficiência na Unequico evidenciam desafios específicos. Em português, apenas 37% dos alunos possuem caligrafia legível, e 42% compreendem o que leem sozinhos. Em matemática, apenas 26% utilizam corretamente os sinais matemáticos, e somente 19% conseguem comparar e ordenar comprimentos, como nos mostra o Gráfico 3, abaixo

Gráfico 3 – Indicadores de Proficiência dos Alunos da Unequico



Fonte: Autoral, 2025.

Esses dados demonstram a necessidade de estratégias direcionadas para aprimorar a compreensão textual e a consolidação do pensamento matemático desses estudantes. Com base nisso, a equipe pedagógica tem discutido, por exemplo, a possibilidade de direcionar esforços para reforçar as habilidades em Língua Portuguesa, incentivando atividades de leitura e escrita, bem como da disciplina de Matemática. É válido pontuar que, além dos processos de formação, os (as) educadores(as) recebem capacitações e/ou mentorias promovidas pelas colaboradoras da UFPB/Unila, como forma de aprimorar atividades pedagógicas desenvolvidas em sala de aula e fortalecimento institucional.

Além disso, reuniões entre educadores quilombolas da Unequico e colaboradores da UFPB/Unila têm firmado a parceria e auxiliado na avaliação e monitoramento dos indicadores provenientes das fichas, compartilhando experiências e situações cotidianas, a fim de buscar

soluções para os desafios observados em sala. Ainda nesse sentido, esses encontros são importantes para coleta e análise dos relatórios mensais escritos pelos(as) educadores(as), onde descrevem o conteúdo programado, habilidades da BNCC utilizadas, planos de aula, atividades temáticas, dificuldades e predisposições. É o momento também de pensar novas metodologias de ensino, planejar e discutir datas comemorativas e eventos ocorridos na comunidade e na organização.

Em 2025, elaboramos o Relatório Anual da Unequico, que também surgiu como uma necessidade importante durante as reuniões de planejamento entre a equipe da Unequico, colaboradores e apoiadores. Assim, com base no levantamento dos dados da ficha de acompanhamento pedagógico e na revisão e análise de relatórios narrativos elaborados entre esses anos, foi criado o primeiro Relatório Anual¹⁷ da Unequico. Neste sentido, o relatório também nos esclarece sobre a abrangência das ações de impacto que a organização fornece, a exemplo, da participação de 2 mil pessoas em eventos e feiras culturais, 75 pessoas contempladas com atividades de geração de renda, como artesanato; 3 educadores quilombolas contemplados com cursos de graduação e pós-graduação em Pedagogia, Psicopedagogia e Neurociência, além das 20 famílias que consomem os hortifrutis produzidas na horta educativa. Este relatório nos dá um parâmetro da atuação da Unequico no Alto Sertão da Paraíba e de como suas ações de impacto voltadas à Educação Quilombola e Relações Étnico-Raciais, potencializa e rememora os saberes ancestrais, fortalecendo os laços de solidariedade na comunidade de Cruz da Tereza.

Desse modo, é percebido que a Unequico atua em sintonia com as Políticas Públicas de Educação Quilombola e Relações Étnico-Raciais tanto em nível estadual, na Paraíba, quanto no cenário nacional. Sua atuação dialoga diretamente com a Política Nacional de Educação Escolar Quilombola, estabelecida pelo Ministério da Educação (MEC), e com a Lei nº 10.639/03.

Além disso, a promoção de uma educação antirracista, contextualizada e emancipatória dialoga diretamente com as metas do Plano Nacional de Educação (PNE), que busca reduzir desigualdades educacionais e garantir a equidade para grupos historicamente marginalizados. A organização também se alinha às políticas estaduais voltadas à segurança alimentar e geração de renda para povos e comunidades tradicionais, como a horta educativa do projeto, que exemplifica essa articulação ao promover a agroecologia como forma de garantir alimentação saudável e de qualidade para as famílias quilombolas, potencializando a autonomia dessas comunidades¹⁸.

Considerações Finais

Procuramos abordar, neste texto, práticas sociais de educação que vão além da escola, que se voltam para o fortalecimento dos territórios em questão, assim como suas modificações, adaptações e acomodações em atividades culturais, sociais e produtivas. Em termos analíticos, há processos, conteúdos e metodologias que florescem em territórios afrodescendentes,

17 Este relatório demonstra os aspectos importantes, como quem somos, qual a nossa missão, o nosso impacto, bem como a descrição das atividades cotidianas, o manejo da horta educativa, as oficinas de louça e tantas outras informações relevantes sobre a organização nestes últimos anos. Ver mais: https://drive.google.com/file/d/1tNebKF15_yeACj1e8QHgsLIS3o8oilZi/view?usp=sharing.

18Reconhecemos, contudo, que a pesquisa apresenta limitações inerentes ao recorte temporal e ao contexto pandêmico, que restringiram a realização de atividades presenciais em determinados períodos.

fora dos espaços formais de educação – mesmo que por vezes possam ser acessados. Esses conhecimentos são essenciais para contemplarmos o direito a uma história plural, que reforce a construção de representações sociais positivas sobre origens culturais de diferentes povos e coletividades. Observam-se aqui experiências de aprendizagem engajadas em combater formas de racismo, desigualdade e discriminação, diante (e apesar) da agressão da diáspora negra e da dominação colonial sobre inúmeros povos originários e oriundos da diáspora negra.

Compreendemos, desse modo, a importância da realização de atividades que ressaltam a identidade quilombola e a cultura afrobrasileira a partir da cartilha “Aprendendo com os quilombos de Coremas” e das aulas de reforço escolar, bem como as oficinas artísticas e de louça tradicional, como parte das potencialidades de uma Pedagogia do Encantamento. Essas ações coordenadas permitem a formação de um espaço em que os saberes ancestrais quilombolas são abordados de forma transversal e contextualizada, e fazem parte do cotidiano dos conteúdos, aliando conhecimentos formais — que os estudantes quilombolas têm dificuldade de ter acesso de qualidade — e a memória dos ensinamentos deixados pelos mais velhos.

As práticas educativas promovidas pelo Quilombo de Santa Tereza e Unequico podem ser interpretadas como uma forma concreta de enfrentamento à Colonialidade do Poder e do Saber, pois, essas ações não apenas fortalecem a identidade cultural das comunidades quilombolas, mas também desafiam as estruturas coloniais que continuam a marginalizá-las. Como afirma Quijano (2005) “a luta pela descolonização não é apenas política ou econômica; é também epistêmica e cultural” (Quijano, 2005: 130). Neste sentido, a experiência da Unequico demonstra que a educação quilombola, ao valorizar os saberes locais e promover a “biointeratividade” (Santos 2015), contribui para a construção de um projeto de “re-feitura” do mundo a partir das referências culturais e territoriais das próprias comunidades. Como afirma Antônio Bispo, “a luta pela terra é também a luta pela cultura, pela memória e pela autonomia” (Santos, 2015: 58).

Nesse sentido, a educação promovida pela organização não se limita à Lei nº 10.639/03, pois busca formar cidadãos conscientes de seus direitos e capazes de transformar sua realidade social, econômica e política. Não se trata da conformação de um sistema de educação autônomo ou mesmo de reprodução da educação conteudista dos espaços escolares, mas que busca quebrar ciclos muito antigos de falta de acesso à educação, visualizado nos altos índices de analfabetismo perceptível em gerações mais antigas, que relatam terem iniciado trabalhos pesados muito cedo, ainda na infância, com pouco espaço para o desenvolvimento de estudos. A educação, desse modo, se relaciona com uma luta pela Contra-Colonização, aliando saberes quilombolas e da escola, compreendendo a educação como prática de transformação da sua realidade com base na vida comunitária.

O acompanhamento da ONG ao longo destes anos permitiu abordar as complexidades e nuances dessa experiência, oferecendo insights valiosos para a construção de uma educação mais justa e equitativa. Mattos e Castro (2011: 31) ressaltam a importância da etnografia para a produção de conhecimento na área da educação, e este estudo busca contribuir para essa produção, oferecendo uma análise da realidade da Unequico.

Destarte, a educação quilombola, com sua rica história, seus saberes ancestrais e suas práticas culturais, que valorizam a oralidade, a música, a dança e outras formas de expressão cultural, são resultados da autonomia e da criatividade dos estudantes e moradores de Cruz da Tereza, preparando-os para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo sem renunciar

sua identidade e seus valores afro civilizatórios. Ao reafirmar a importância da experiência, da prática e do contexto sociocultural na aprendizagem, a educação quilombola se coloca como um farol de esperança em um mundo cada vez mais complexo e globalizado.

Referências

- Brasil. Secretaria de Educação. 2010. *Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais*. Brasília: SECAD.
- Brasil. Ministério da Educação. 2021. “Portaria nº 828, de 20 de outubro de 2021”. *Diário Oficial da União*, 21 de outubro de 2021, p. 56.
- Brasil. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. 2012a. *Parecer CNE/CEB Nº 16, de 20 de novembro de 2012*. Brasília: CNE.
- Gomes, Flávio dos Santos. 2015. *Mocambos e quilombos: uma história da luta pela terra no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- Gusmão, Neusa Maria Mendes de. 2020. Antropologia e educação quilombola: etnicidade e mediação. *Revista Entrerios* 3 (1): 10-26.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). 2022. *Censo 2022*. Rio de Janeiro: IBGE.
- Maestri Filho, Mário José. 2002. *Deus é grande, o mato é maior: história, trabalho e resistência dos trabalhadores escravizados no Rio Grande do Sul*. Passo Fundo: Editora da UPF.
- Mattos, Carmem Lúcia Guimarães de, e Paula Almeida de Castro (orgs.). 2011. *Etnografia e educação: conceitos e usos*. Campina Grande: EDUEPB.
- Moura, Clóvis. 2021. *Quilombos: resistência ao escravismo*. Teresina: EdUESPI.
- Munanga, Kabengele. 1995. Origem e histórico do quilombo na África. *Revista USP* 28: 56-63.
- Omo Ayo Otunjá, Cláudia Rocha David. 2021. *Educação Kilombola: diálogos, reflexões e contribuições para uma educação escolar quilombola*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Paixão, Aline Maria P. da. 2014. “*Aqui todo mundo é parente*”: dinâmica territorial, organização social e identidade entre os quilombolas de Mituçu, PB. Trabalho de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa.
- Pierrot, Alain. 2015. Aprendizagem e representação: os antropólogos e as aprendizagens. *Horizontes Antropológicos* 21 (44): 49-80.
- Quijano, Aníbal. 2005. “Colonialidad del poder y clasificación social”. En: Santiago Castro-Gómez y Ramón Grosfoguel (eds.), *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Pp. 113-131. Bogotá: Siglo del Hombre Editores/Universidad Central/Instituto Pensar.
- Quijano, Aníbal. 2000. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. En: Aníbal Quijano *La Cuestión Descolonial*. pp. 531-576. Buenos Aires: Ediciones del Signo.
- Reis, João José. 1996. Quilombos e revoltas escravas no Brasil. *Revista USP* 28: 14-39.
- Santos, Antônio Bispo. 2023. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora/Piseagrama.
- Teixeira, Rogério Ferreira. 2014. “A educação em uma comunidade autorreconhecida quilombola: a vivência da Comunidade Morada da Paz – CoMPaz”. Trabalho de mestrado. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia.